



ISSN 1676-3742

GASQUES, J.***Anjos: Deus cuida de nós.***

São Paulo: Paulus, 2014, 100 p.

ISBN: 978-85-349-3746-7

Ângelo Vieira da Silva

Miguel, Gabriel, Satanás, anjos da guarda, filhos de Deus, cabala, santos... Eis algumas sabidas palavras que sobrevêm ao leitor que se depara com uma obra sobre seres angelicais. No entanto, o tema é complexo e os discursos múltiplos: cristão, judaico, apocalíptico, esotérico, ocultista, satanista, etc. Nesse caso, eis um livro repleto de vigor cristão sobre o dogma e tradição católicos romanos sobre os seres espirituais criados por Deus denominados anjos.

O livro “Anjos: Deus cuida de nós” é uma obra de Jerônimo Gasques, mestre em teologia dogmática e sacerdote do clero diocesano de Presidente Prudente/SP. Além de já ter atuado no magistério de filosofia e teologia, bem como ter sido assessor regional de Pastoral da Juventude, o autor escreveu diversas obras e artigos focados na visão eclesial católica romana.

Além da introdução e conclusão repletas de apelos pela busca de um confiável conhecimento acerca dos ministros de Deus, o livro está composto por seis partes referentes à doutrina, a saber: (1) nome e significado dos anjos, (2) onde buscar o ensino sobre os anjos, (3) como os anjos aparecem na bíblia, (4) a doutrina sobre os anjos, (5) a tarefa dos anjos e (6) o que a igreja ensina sobre os anjos. Igualmente, é muito oportuna a abordagem aos movimentos ou tendências de hoje e do passado, constituindo-as em supraterestrres (a partir da Idade Média), parareligiosas (entre judaísmo e islamismo, por exemplo), esotéricas (cabala, nova era, espiritismo ou movimentos intimistas como os carismáticos), bíblica (antigo e novo testamentos, apócrifos e pseudopígrafos) e suprauniversal (os anjos presentes no imaginário comum a todos os homens).

“As pessoas, em geral, não distinguem a natureza dos anjos da sua função. Para a maioria, tudo é a mesma coisa”. Gasques, por sua vez, pretendeu estabelecer o que os anjos representam para os seres humanos na primeira parte de seu livro. Daí fixa o conceito “angelos-malak”, dispondo acerca da natureza e funções angelicais. Além de aludir ao dogma dos anjos caídos pela tradição romana proclamada nos concílios ecumênicos de Nicéia I e Latrão IV, ainda norteia sobre a fé em anjos da guarda. Curiosa é asserção de que existem apenas quatro divisões ou ordens angelicais, a saber; serafim, querubim, arcanjo e anjo.

O capítulo dois é um desafio pela busca do ensino coerente sobre os seres angelicais. Minúsculo, com apenas quatro páginas, incentiva a leitura das escrituras cristãs como “a fonte da qual emana toda a reflexão e credibilidade sobre os anjos”.

Considerando o antigo e novo testamentos, apócrifos e pseudoepígrafos, na terceira porção da obra o autor discorre sobre como os anjos são percebidos nas escrituras cristãs. Ao que parece, o capítulo dois foi uma preparação pastoral para se estudar a “matéria de fé” da referida estrutura textual. Por esse motivo, o autor considera as centenas de referências a anjos na Bíblia e muitas postulações são fundamentadas em Tobias.

Apesar de, aparentemente, não ser objetivo de Gasques sistematizar uma obra sobre angelologia, o quarto capítulo consagra a doutrina sobre os anjos. O autor organiza as formas nas quais os anjos são apresentados, bem como suas dotações (inteligência, emoções, vontade) e limites.

A quinta parte da obra pretende focar o ministério, a tarefa dos anjos. Gasques os chama de auxiliares dos homens. Relembrando algumas contribuições da iconografia, tradição e bíblia, o autor apresenta a atuação angelical no universo humano, salientando a empreitada do próprio Lúcifer que, estranhamente, é desassociado de Satanás (seriam anjos diferentes?).

Mais eclesiástico, no último capítulo o autor enfatiza o posicionamento dogmático de sua igreja acerca dos anjos. Aliando-os ao “mistério da piedade”, Gasques lança mão do Catecismo católico romano, de nomenclaturas neo-testamentárias e de textos do Pseudo-Dionísio (século VI) para comprovar que os anjos vêm de Deus e são enviados por ele para proteger seu povo. Ao final do tópico é sugerido um devocionário de proteção com orações dirigidas a Deus e aos anjos.

Finalmente, deve-se dizer que a obra possui proveitosos pontos de vista sobre a consciência humana acerca dos anjos. Eis uma crítica do autor:

“estamos criando anjos que tenham a nossa medida e correspondam à nossa necessidade. Procuramos anjos que falem, sintam e amem a gente de verdade. Nossa carência é tão grande que somente os anjos podem nos socorrer”. Aqui, analisou os perigos envoltos em superstições como a cromoterapia, talismãs, ioga, reiki, defumadores, cabala, essências, astrologia, descarrego, duendes, patuás, cartas, tarôs, búzios, apetrechos de proteção, chás e outras parafernalias que tanto prometem soluções.

O livro não é tão fiel à intenção do autor, que registrou: “meu intuito não é fazer um livro sobre a angelologia (...), mas apenas indicar aqueles elementos de espiritualidade para reforçar nossa tradição religiosa-espiritual sobre a doutrina dos anjos presentes nas Escrituras e na tradição eclesial”. Ora, não é por se tratar de uma obra evidentemente de caráter pastoral que Gasques não produz “angelologia”. Ele principia, estabelece, fundamenta e defende a doutrina sobre os anjos. É compreensível que o autor, humilde, escreva em termos de “iniciando uma conversa sobre os anjos”. Porém, sua contribuição merece consideração, pois, “a falta desse estudo tem acarretado o surgimento de muitos ensinamentos – seitas, heresias, doutrinas, ensinamentos, misticismo e esoterismo – adversos sobre os anjos”, assinalou o próprio autor na introdução do quarto capítulo.

Por outro lado, há certa desproporcionalidade entre o primeiro e os demais capítulos da obra. Nota-se, igualmente, a repetição de alguns conceitos e frases ao longo de todo o texto. Sim, Gasques aspira apenas ponderar sobre aqueles elementos essenciais da fé cristã sobre os anjos. Não obstante, é possível fazê-lo com mais simetria e harmonia. As partes que compõem o todo poderiam ser mais bem distribuídas revelando suavidade acadêmica.

Há certa confusão acerca da permissão de se orar a anjos. O autor a condena e, ao fim da obra, oferece um devocionário de oração aos mesmos anjos. Além disso, há falta de clareza sobre o posicionamento de Gasques quanto ao número de arcanjos. Ora estabelece a possibilidade de três chefes angelicais (Miguel, Rafael e Gabriel), ora exprime que apenas Miguel é tratado como arcanjo na escritura. São pontos que poderiam ser mais transparentes ao leitor.

Enfim, o autor demonstra simplicidade e dom pastoral na exposição da doutrina; sensibilidade, em apreciar um tema que “está sempre voltando”. Apesar da catolicidade romana que dá o tom ao livro, cita e aprecia algo da dogmática protestante sobre os seres angelicais. Por isso, Agostinho lhe cai muito bem: “foi o orgulho que transformou anjos em demônios, mas é a humildade que faz de homens anjos”. No livro, Gasques considerou a Idade

Média como o período áureo para o dogma dos anjos. Pessoalmente, subcreve-se tratar de um tema sempre em “Alta” que requer ainda mais obras que evidenciem os exageros e desvios doutrinários sobre os seres angelicais.

Ângelo Vieira da Silva

Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória/ES

Resplendor / MG – Brasil

E-mail: revavds@gmail.com